



ANÁLISE DO DIÁLOGO JUDAICO-CRISTÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

(The Jewish-Christian dialogue under analysis: challenges and perspectives)

Adriano Sousa Lima

Doutor e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR)
Graduado em Teologia pela Faculdade de Evangélica de Teologia, Ciências e Biotecnologia
da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (FAECAD/RJ)
E-mail: adriano.l@uninter.com

Lucas dos Santos Ferreira

Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR/PR)
E-mail: lsferreira92@gmail.com

Roberto Monteiro de Castro Filho

Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR/PR)
E-mail: roberto.mcf@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo busca fazer uma análise do diálogo inter-religioso entre o judaísmo e o cristianismo, duas religiões monoteístas, com origens semelhantes, mas separadas por questões históricas e algumas divergências doutrinárias. Inicialmente se propõe relatar a importância do diálogo entre as duas religiões, baseando-se nos trabalhos de Alberto Milkewitz, Edwin Arteaga Tobon, e Frederico Laufer. Após isso, procurou-se identificar os aspectos divergentes e convergentes entre o cristianismo e o judaísmo, para verificar a viabilidade do diálogo. Consultou-se para este momento os trabalhos de Josh McDowel e do Instituto Cristão de Pesquisas. Como conclusão do artigo, apresentou-se uma breve síntese visando a aplicabilidade do diálogo inter-religioso para a Igreja Cristã atual.

Palavras-Chave: Diálogo; Cristão; Judeu; Desafio.

ABSTRACT

This article analyses the interreligious dialogue between Judaism and Christianity, two monotheistic religions, with similar origins but separated by historical questions and some doctrinal divergences. Initially, the work establishes the importance of dialogue between these two religions based on the works of Alberto Milkewitz, Edwin Arteaga Tobon, and Frederico Laufer. After this, this research identifies the divergent and convergent aspects between Christianity and Judaism in order to verify the viability of the dialogue. Josh McDowel's thought and the Christian Research Institute (Instituto Cristão de Pesquisas) are basis for the analysis. As a result, the work demonstrates a brief contribution regarding to Interreligious dialogue effectuation possibility in the current Christian Church.

Keywords: Dialogue; Christian; Jewish; Challenge.



INTRODUÇÃO

O pluralismo é uma das características da atual globalização em seus diversos aspectos, inclusive o religioso. Se, em tempos remotos, a questão do pluralismo religioso estava mais ligada a uma ideologia que logo ia passar para nunca mais retornar, no início do século XXI, o pluralismo religioso emerge como novo paradigma da teologia cristã e como tema central da teologia das religiões. Dessa forma, constitui inadiável tarefa a elaboração de uma teologia cristã do pluralismo religioso na sociedade plural. O retorno do sagrado “trouxe” para o mundo uma variedade infinita de religiões. Sendo assim, as verdades cristãs, tidas como absolutas e protegidas pela filosofia metafísica, passaram a ser desafiadas, reinterpretadas e, em alguns casos, absolutamente negadas.

No passado, imaginou-se que a religião cristã fosse dominar o mundo e, conseqüentemente, as outras tradições religiosas. Para isso, foi realizado um vasto trabalho missionário a fim de ajudar as outras religiões, que eram vistas como idolatrias, a encontrar o caminho da salvação. A realidade, no entanto, se mostrou completamente diferente. Exemplo vivo é o continente asiático, onde o número de cristãos em dois mil anos de evangelização ainda não passou de 5% da população. Nos demais continentes, as grandes religiões mundiais apresentam uma vitalidade admirável. E agora, como deverá o cristianismo se colocar diante dessa nova situação?

O cristianismo é desafiado a apresentar uma reflexão teológica nova e criativa nesse momento da história. Não mais poderá descansar à sombra do paradigma tomista. Os problemas da revolução científica, da subjetividade, da história, entre outros, fizeram ruir os alicerces da teologia cristã e a confrontou com novas questões interpeladoras. Nesse cenário, o cristianismo é convidado a manifestar sua identidade, não para fechar-se sobre si mesmo ou como desculpa para fugir dos desafios que lhe são postos, mas para buscar compreender-se melhor no contexto do pluralismo religioso.

A questão é que, nos dias atuais, quando um cristão entra em diálogo com pessoas de outras tradições religiosas é confrontado, e em algumas circunstâncias, acusados de infidelidade à fé cristã e até mesmo de heresias, de perder a identidade, entre outras acusações. Contudo, os autores enfrentam as dificuldades para enfrentar no presente artigo, sobre os desafios e perspectivas do diálogo entre os cristãos e os judeus. No primeiro momento, será destacado a importância do diálogo entre judaísmo e cristianismo; em seguida, serão apresentados alguns aspectos convergentes entre cristãos e judeus; e ainda os aspectos divergentes serão objetos da nossa atenção. Os autores concluem apresentando elementos de aplicação para a comunidade de fé, sujeito primeiro da teologia cristã.



1. IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO ENTRE JUDAÍSMO E CRISTIANISMO

A realidade atual exige das religiões de hoje uma maior abertura ao diálogo. O mundo de hoje está cada vez mais plural, e por isso impor sua opinião sobre a do outro não é mais tão viável¹. Alberto Milkewitz, doutor em educação, propõe o seguinte conceito para o diálogo inter-religioso:

Para o diálogo ser tal, deve haver uma intenção de transmissão entre os interlocutores, mas também de recepção da mensagem que o outro quer transmitir: de integração ao nosso 'Eu' de visões que são diferentes às nossas, e que escutamos desde diferentes lugares, mesmo que existam evidentes pontos de contato².

Para Milkewitz, o diálogo não é simplesmente falar para o outro religioso sobre as suas crenças, mas, principalmente, receber também as opiniões de fé do outro e tentar identificar ali possibilidades de assimilação às suas próprias crenças. Isso não deveria ser tão difícil entre judaísmo e cristianismo, visto que este tem sua origem naquele, tendo, portanto, muitos pontos em comum que permitem a troca de visões e crenças.

Edwin Arteaga Tobón também apresenta um conceito para o diálogo inter-religioso:

Uma definição fundamental do diálogo afirma que se trata de uma conversação sobre um tema comum entre duas ou várias pessoas que têm opiniões diferentes, e cuja meta essencial é que cada participante aprenda do outro a permitir e a crescer³.

Tobón não destaca a assimilação de uma crença aleatória, mas sim de crenças possivelmente comuns. Essa troca de pontos em comum, mas vistos de cosmovisões diferentes, é um fator que proporciona um crescimento para o religioso, que compreenderá tais questões de uma maneira melhor.

Essa importância do diálogo se torna mais enfática quando se pensa na história dos conflitos entre judeus e cristãos. Tobón destaca alguns momentos históricos importantes⁴: o conflito se inicia no Concílio de Jerusalém, segundo ele, registrado em Atos dos Apóstolos 15, onde há a primeira ruptura entre judeus e cristãos devido às questões da circuncisão; após isso, em 90 d.C., os judeus passam a considerar os cristãos judeus como sendo "hereges"; a Idade Média

¹ MILKEWITZ, Alberto. **O Diálogo nas Tradições Judaica e Cristã: a Igreja Católica e os judeus, um diálogo em construção**. Revista Eletrônica Espaço Teológico, São Paulo, v. 8, n. 13, p. 91-102, jan-jun/2014, p. 92.

² Idem, p. 92.

³ TOBÓN, Edwin Arteaga. **O Diálogo Judeu-Cristão: uma proposta para as Instituições Lassalistas**. Disponível em: <<http://www.irmaosdelasalle.org/public/uploads/irmaos/229060551b7d15a7f3bed627eb95fb10.pdf>> Acesso em 13/06/2017, p. 2.

⁴ Idem, p. 2.



se caracteriza como um período de forte perseguição da Igreja Católica contra o judaísmo, em especial mediante a Inquisição; mais recente, destaca-se o silêncio dos cristãos do mundo inteiro diante do Holocausto promovido pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

Destaca-se que na Antiguidade, enquanto os cristãos estavam inseridos no judaísmo, tendo, portanto, os judeus um “poder” maior que o dos cristãos, eles oprimiam os seguidores de Cristo; com o crescimento do cristianismo, em especial na Idade Média, a Igreja Católica toma esse “poder” para si, e passa a ser a opressora. Nota-se, baseado nisso, que, historicamente, a relação entre judeus e cristãos sempre foi pautada pela imposição de crenças do mais forte sobre o mais fraco.

O Holocausto, apesar de ter sido um genocídio lastimável, foi o gatilho necessário para que o mundo cristão passasse a repensar algumas de suas atitudes ante o judaísmo. Frederico Laufer, sobre isso, diz:

Os excessos de violência, cometidos por esse novo Aman do século XX (cf. Livro de Ester) [uma referência a Hitler e ao nazismo], a serviço dos ‘mitos’ do sangue e da raça, patentearam o absurdo de um anti-semitismo enlouquecido. A reação universal contra os crimes que desencadeou, deram origem a uma nova atitude e a um amplo diálogo entre judeus e cristãos. Frutos dessa nova atitude são a Declaração do Concílio Vaticano II ‘Nova Aetate’, as comissões oficiais e as organizações particulares que promovem esse diálogo. Dentre essas muitas iniciativas colocamos em relevo aqui a entidade brasileira ‘Conselho de Fraternidade Cristão-Judaico’ (CFCJ), sediada em São Paulo⁵.

A CFCJ, citada por Laufer, defende que o homem “é detentor de direitos inalienáveis e merecedor de todo respeito, independentemente de sua raça, crença e condição social”⁶. Essa compreensão nasce da ideia do ser humano como sendo imagem de Deus, e, portanto, partindo da ideia de que todo homem tem essa imagem, o diálogo deve ser um direito inalienável.

Tobón destaca algumas motivações válidas para o diálogo entre judaísmo e cristianismo⁷. Destaco a Declaração *Nostra Aetate*, escrita no Concílio do Vaticano II; a atual teologia das religiões; a geopolítica; e uma reparação teológica ao judaísmo.

Na Declaração *Nostra Aetate*, o Concílio do Vaticano II declarou o entendimento de que a religião cristã está ligada à judaica através de Abraão, patriarca judeu (Gl 3.7), e deve ser esta a principal razão para que ambas dialoguem. Além do mais, a declaração fala que o fato dos principais líderes judaicos da época de Jesus terem sido responsáveis pela crucificação dele, isso não deve ser motivo para generalizar que todos os judeus sejam culpados pela morte de

⁵ LAUFER, Frederico. *Diálogo Cristão-Judaico no Brasil*. Revista *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte/MG, p. 257.

⁶ Idem, p. 258.

⁷ TOBÓN, Edwin Arteaga. *O Diálogo Judeu-Cristão: uma proposta para as Instituições Lassalistas*. Disponível em: <<http://www.irmaosdelasalle.org/public/uploads/irmaos/229060551b7d15a7f3bed627eb95fb10.pdf>> Acesso em 13/06/2017, p. 3.



Cristo. Deve-se, portanto, buscar o diálogo e a troca de crenças e opiniões entre essas duas crenças.

Sobre a teologia das religiões, Tobón fala da valorização de uma ética mundial pautada na justiça e na paz⁸, e por isso a relevância do diálogo entre as diferentes religiões (incluindo judaísmo e cristianismo) a fim de buscar princípios que converjam para esta ética. Essa nova teologia é essencial, em especial quando se pensa na geopolítica, motivação que incentiva o diálogo, e que está intimamente associada à nova teologia das religiões. Em geral, a predominância de uma religião influencia as decisões políticas, jurídicas e sociais de um povo nos países em que estado e fé caminham em conjunto.

A reparação teológica nasce do desdém que os cristãos, em geral, ofereceram aos judeus. Isso surge, em especial, devido ao fato do Antigo Testamento ser lido pelos cristãos com a cosmovisão do Novo Testamento, enquanto os judeus o leem com a cosmovisão do Talmude. Devido a isso, muito se tem negligenciado sobre a importância de Israel dentro da teologia, e também a compreensão que os judeus têm de Jesus, que pode contribuir bastante para a se entender alguns aspectos relevantes da história e dos ensinamentos de Cristo, visto que Ele era um judeu, ensinando a um povo judeu, e usando métodos judaicos.

Para finalizar esses breves apontamentos sobre a importância do diálogo judaico-cristão, Milkewitz destaca a figura de Martin Buber, pensador judeu favorável ao diálogo. Sobre as ideias dele, Milkewitz afirma:

Compreendendo a pessoa humana como ser de relação, Buber a caracteriza segundo as palavras-princípio: ‘Eu-Tu’ e ‘Eu-Isso’, modos de existência que refletem dois polos da mesma humanidade, e a sua dupla atitude frente ao mundo, compreendida como posição fundamental de se colocar a qualquer dos existentes⁹.

Nessa concepção, a relação “Eu-Tu” parte da solidariedade com os demais seres humanos, enquanto a relação “Eu-Isso” é objetiva, e distancia o ser humano de um relacionamento profundo. Buber entende que o homem religioso deve partir do “Eu-Tu”, devendo ser solidário com as crenças do outro e dialogar com ele, pois fazendo isso, estará desenvolvendo um nível de relacionamento com o “Tu Eterno” (Deus), que só se manifesta na relação com os demais seres humanos.

Após essas breves considerações sobre a relevância do diálogo judeu-cristão, a próxima etapa será destacar alguns pontos divergentes e convergentes entre as duas religiões, a fim de se verificar aplicações viáveis para a Igreja em suas práticas de fé.

⁸ Idem, p. 5

⁹ MILKEWITZ, Alberto. **O Diálogo nas Tradições Judaica e Cristã: a Igreja Católica e os judeus, um diálogo em construção.** Revista Eletrônica Espaço Teológico, São Paulo, v. 8, n. 13, p. 91-102, jan-jun/2014, p. 99.



2. ASPECTOS CONVERGENTES ENTRE JUDAÍSMO E CRISTIANISMO

O cristianismo deve grande respeito ao judaísmo histórico, para ser mais exato o “cristianismo encontra suas raízes no judaísmo histórico”¹⁰, isto é, a história do Antigo Testamento é comum a ambas as religiões.

Os judeus têm sua formação e criação com Abraão, quem recebeu o chamado e promessa de Deus para sair da sua terra, e cuja promessa se estendeu a Isaque e Jacó. Estes três ficaram conhecidos como os patriarcas. Tempos depois surge Moisés, quem liderou o povo na saída do Egito; Davi, quem unificou o povo em uma só nação; e os profetas, que fizeram a mediação entre Deus e o povo. Dentro de toda essa história de pessoas comuns, em Jesus é que se tem início as divergências entre judeus e cristãos, pois os primeiros não o veem como Filho de Deus, enquanto os últimos, sim.

2.1 O ANTIGO TESTAMENTO

A Torá é o livro sagrado dos judeus, e nela estão presentes as leis, o código de ética e moral e todos os ensinamentos para a vida. Para eles é algo muito sério a sua memorização.

Ela é composta por três divisões, a Lei, os Profetas e os Escritos. Apesar de ser uma divisão diferente do Antigo Testamento da Bíblia, ele contém os mesmos livros desta, e a decisão desses livros levou cerca de mil anos, de 1400 a 400 a.C.¹¹.

2.2 OS DEZ MANDAMENTOS

Os dez mandamentos são as leis fundamentais dos judeus e cada mandamento representa um princípio ético e moral da sociedade judaica para os cristãos. Eles são de grande importância e muitas vezes lembrados durante os encontros e cultos, porém não se é dada a mesma ênfase e significado que os judeus dão, assim como também alguns detalhes são ligeiramente reinterpretados mediante as palavras de Jesus.

O primeiro e o segundo mandamento têm a ideia de não adorar e não fazer imagens de Deus, isso porque ele é “demais grandioso para caber em uma imagem; Ele só pode ser adorado em espírito e em verdade.”¹² O terceiro mandamento limita o uso do nome de Deus, devendo o religioso substituir “Yahweh” por “Adonai” ou “Hashem”. O quarto mandamento exige o guardar do sábado, e nesse ponto há discordância, mas isso será analisado posteriormente. Do quinto ao décimo mandamento há basicamente uma mesma interpretação entre cristãos e judeus. A única diferença é o valor jurídico que essas leis têm para o judeu.

¹⁰ MCDOWEL, Josh; STEWART, Don. **Entendendo as Religiões Não-Cristãs**. Interlagos/SP: Editora Candeia, 1992, p. 115.

¹¹ Idem, p. 128.

¹² INSTITUTO CRISTÃO DE PESQUISAS (ICP). **Série Apologética: volume IV; Igreja Messiânica – Igreja da Unificação – Judaísmo – Racionalismo Cristão – Ordem Rosacruz**. Santo André/SP: Geográfica, 2015, p. 92.



2.3 FRATERNALMENTE LIGADOS

A conexão entre judeus e cristãos é muito mais profunda do que percebemos. Infelizmente foca-se tanto nas diferenças, que não se dá o devido valor às semelhanças entre as duas religiões. O escritor judeu Pinchas Lapide fez uma lista de aspectos semelhantes entre judeus e cristãos:

Na fé em um Deus, nosso Pai; na esperança da Sua salvação; na ignorância sobre os Seus caminhos; na humildade diante da Sua onipotência; na certeza de que Lhe pertencemos, e não Ele a nós; no amor e na reverência a Deus; na dúvida quanto à nossa hesitante fidelidade; no paradoxo de que somos pó, mas criados segundo a imagem de Deus; na consciência de que Deus nos quer como sócios na santificação do mundo; na condenação ao arrogante chauvinismo religioso; na convicção de que o amor de Deus é prejudicado pela falta de amor ao próximo; no conhecimento que toda fala acerca de Deus deve ser gaguejante, quando nos aproximamos Dele¹³.

A lista dessas semelhanças apenas reforça o quão próximas as duas religiões são, e como o diálogo pode ser, sim, um meio viável para uma convivência pacífica entre as duas fés.

3. ASPECTOS DIVERGENTES ENTRE JUDAÍSMO E CRISTIANISMO

Certamente temos mais em comum do que se imagina, porém isso não quer dizer que as diferenças não sejam importantes. Destacar-se-á alguns aspectos divergentes entre as duas religiões:

3.1 O MESSIAS

A imagem do Messias sempre foi muito forte no judaísmo: os profetas previram sua vinda, e durante a história de Israel, muitos homens surgiram cumprindo a missão de libertador. Porém, estes homens cumpriram esses ofícios temporariamente e de maneira muito específica, e não de maneira definitiva e universal. Ainda hoje o judaísmo prega que o Messias trará uma libertação política, social e econômica, muito semelhante a Moisés e a Davi.

Os cristãos, por outro lado, entendem que o Messias já veio na figura de Jesus. Segundo o cristianismo, as profecias do Antigo Testamento se cumprem em Jesus, sendo Ele o único que veio com o objetivo de trazer a libertação do mundo, do poder destrutivo do pecado.

¹³ MCDOWEL, Josh; STEWART, Don. **Entendendo as Religiões Não-Cristãs**. Interlagos/SP: Editora Candeia, 1992, p. 131.



3.2 DEUS

Apesar de adorarem o mesmo Deus, cristãos e judeus diferem na forma de entendê-Lo. Para os judeus, Deus é único, sendo isto o segundo dos treze artigos de fé de Maimônides: “A crença na unicidade de Deus”. Portanto, os judeus rejeitam totalmente a crença cristã na Trindade, sendo que, para eles, os cristãos podem ser considerados politeístas.

Os cristãos acreditam na Trindade como uma verdade bíblica, apesar de ela não apresentar este termo de maneira explícita. Contudo, há diversas passagens implícitas nos dois testamentos que evidenciam a Trindade. Definem-na como a “crença num único Deus eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo”¹⁴.

3.3 PECADO

Ambas as religiões acreditam na queda de Adão e Eva no Jardim do Éden, e que concordam que o homem se tornou a partir dali pecador, e que o pecado desagrada a Deus. Entretanto, há distinções sobre a compreensão de pecado nas duas religiões.

Os cristãos, de uma forma geral, aceitam a teologia do “pecado original”, ou seja, “todos os seres humanos nascem dotados de natureza pecaminosa em consequência da transgressão de Adão”¹⁵. Desta forma, o ser humano em sua essência é pecador, e para receber a salvação ele necessita da graça divina, entregue a ele mediante o sacrifício de Jesus Cristo na cruz. A salvação, portanto, para o cristão é algo que vem totalmente de Deus. Não há influências humanas nesta obra.

Por outro lado, os judeus acreditam que para alcançar o perdão dos pecados, eles devem praticar “sacrifícios, penitência, boas obras e uma pitada da graça divina”¹⁶, não havendo nenhum aspecto salvífico relacionado ao sacrifício de Jesus Cristo. Portanto, não creem na necessidade de um salvador como na concepção cristã.

3.4 SÁBADO

O sábado é, para os cristãos, um tema um tanto quanto polêmico, pois dentro do próprio cristianismo não há um consenso com relação ao tema. Porém, a maioria defende que não há necessidade de guardar o sábado, devido ao texto de Mateus 12. Os judeus, por outro lado, têm o não guardar do sábado como um pecado e crime social, sendo este um dos Dez Mandamentos. Inclusive, eles têm uma lista que contém o que pode e o que não pode ser feito no sábado.

¹⁴ INSTITUTO CRISTÃO DE PESQUISAS (ICP). *Série Apologética: volume IV; Igreja Messiânica – Igreja da Unificação – Judaísmo – Racionalismo Cristão – Ordem Rosacruz*. Santo André/SP: Geográfica, 2015, p. 113.

¹⁵ MCDOWEL, Josh; STEWART, Don. *Entendendo as Religiões Não-Cristãs*. Interlagos/SP: Editora Candeia, 1992, p. 130.

¹⁶ Idem, p. 129.



CONCLUSÃO

Após uma avaliação das divergências e convergências, faz-se necessário resgatar novamente a importância do diálogo entre as duas religiões. A teologia católica, na Declaração *Nostra Aetate*, deixa claro que os judeus são os irmãos mais velhos dos cristãos. Mesmo distinguindo nas concepções sobre o Messias, a Trindade e aspectos da Lei, o fato do cristianismo ter nascido dentro do judaísmo, e Jesus Cristo, causa da existência cristã, ter sido um judeu, deixa clara a importância do diálogo entre essas duas religiões.

O tempo em que vivemos, exige cada vez mais uma fé fundamentada no Deus criador e salvador. Para os cristãos e para os judeus, a fé no Deus de Israel permanece viva. Juntos, os cristãos podem orar e buscar a face de Deus. A igreja, formada pelo Israel de Deus, pode compartilhar de muitos aspectos relevantes e importantes para a jornada da fé. Afinal, os cristãos e judeus são filhos de Abraão e creem em um Deus que falou pelos profetas.

Há muito a se aprender com o judaísmo, em especial no que tange uma melhor compreensão do Antigo Testamento, um desafio para aqueles que vivem a Nova Aliança. Compreender a cultura e estar aberto a ouvir as contribuições com relação aos princípios da Escritura comum a ambas seria um grande passo para o crescimento do conhecimento bíblico e histórico, além de promover uma reparação para anos de violência e preconceito da parte da Igreja cristã para com o judaísmo.

BIBLIOGRAFIA

- INSTITUTO CRISTÃO DE PESQUISAS (ICP). **Série Apologética: volume IV; Igreja Messiânica – Igreja da Unificação – Judaísmo – Racionalismo Cristão – Ordem Rosacruz**. Santo André/SP: Geográfica, 2015.
- LAUFER, Frederico. **Diálogo Cristão-Judaico no Brasil**. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte/MG.
- MCDOWEL, Josh; STEWART, Don. **Entendendo as Religiões Não-Cristãs**. Interlagos/SP: Editora Candeia, 1992.
- MILKEWTIZ, Alberto. **O Diálogo nas Tradições Judaica e Cristã: a Igreja Católica e os judeus, um diálogo em construção**. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 8, n. 13, p. 91-102, jan-jun/2014.
- TOBÓN, Edwin Arteaga. **O Diálogo Judeu-Cristão: uma proposta para as Instituições Lassalistas**. Disponível em: <<http://www.irmaosdelasalle.org/public/uploads/irmaos/229060551b7d15a7f3bed627eb95fb10.pdf>> Acesso em 13/06/2017.

Recebido em: 21/08/2017
Aprovado em: 26/06/2018